

# A Análise Psicológica do Acaso

Eduardo João Ribeiro dos Santos \*

---

## RESUMO

O acaso vem emergindo como uma nova categoria epistemológica. Algumas das actuais teorias sobre o desenvolvimento da vida consideram que os processos aleatórios são uma das suas condições necessárias. No que diz respeito ao comportamento humano, o acaso tem-se revelado, também, em diversos níveis como um complemento da análise psicológica. Embora não coerentemente sistematizado do ponto de vista conceptual, o acaso constitui, no entanto, um potencial domínio de investigação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Acaso/Caos — Auto-organização — Complexidade — Jogo — Causalidade psicológica vs. Casualidade psicológica.

«Declaração da virgem Laquéis, filha da Necessidade. Almas efémeras, vai começar outro período portador da morte para a raça humana. Não é um génio que vos escolherá, mas vós que escolhereis o génio. *O primeiro a quem a sorte couber, seja o primeiro a escolher uma vida a que ficará ligado pela necessidade (...)*» (1)

PLATÃO, *A República* (Livro X)

## INTRODUÇÃO

À mentalidade positivista e ao seu apogeu oitocentista tem-se vindo a opôr lentamente uma concepção interaccionista da realidade. O mundo começou a ser entendido como complexo de relações, nem sempre harmónicas, nem sempre «digitalizáveis» ou redutíveis a unidade básicas. A realidade tem-se revelado algo *complexa* (Morin, 1984). Para alguns, escapando, mesmo, a qualquer espécie de determinação, salvo a grande estruturas genéricas (Vidal, 1978). Paralelamente, o próprio conhecimento da realidade tem-se revelado como relativo. É ilustração desse facto o «princípio da incerteza» ou da interdependência sujeito-objecto de Heisenberg (1971), que tem funcionado como um dos paradigmas nesta questão.

Por estas razões, uma nova epistemologia tem vindo a desenvolver-se. E um

---

\* Assistente da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

(1) Itálico nosso.

dos campos preferenciais desta nova concepção da realidade tem sido o das teorias da «auto-organização» dos sistemas vivos. Na contiguidade das teorias termodinâmicas das estruturas dissipativas e do «princípio da ordem através das flutuações» de Prigogine (1980), nelas se postula que a morfogénese e a evolução dos sistemas vivos se realiza, de um modo bastante considerável, como um processo imprevisível e accidental. O aleatório assume, desta maneira, um estatuto epistemológico presente em diversos modelos da organização da vida, como o de Maturana e Varela (1975), ao expressarem esta realidade através da noção de «auto-poiesis», ou o de Von Foerster e Zopt (1962) com o conceito de «acaso organizador».

#### ACASO: «DESORDEM» E CRIAÇÃO

Como afirma Jorge — «o novo é (...) a possibilidade introduzida pela perturbação aleatória, pelo ruído que «transformando a recorrência», faz a evolução» (1984, 80). O *acaso* é, pois, um «gerador aleatório de variedade», como salienta De Rosnay (1975, 228). Assim, a criação é precedida por processos aleatórios ou em «desordem», o que Von Foerster (1960) designou por «order from noise».

No ser humano estes processos são, também, uma realidade. Morin apelida o homem como «um animal dotado de despropósito» (1984, 92). Despropósito que nasce com a *incerteza* característica da espécie humana nas suas decisões, porque só para o homem os erros têm significado. A lógica humana é, pois, uma lógica da incerteza. Mas é, igualmente, uma lógica do excesso, da «ubris» (*op. cit.*), da transgressão da norma. Incerteza e excesso conglomeram-se em «desordem», que emerge, por exemplo, no nosso material onírico quando comparado ao sonho estereotipado dos mamíferos inferiores. Esta dita «desordem», opõe-se à homeostasia e conduz no seu extremo ao delírio, transformando o *Sapiens* em *Demens*. Neste «cenário» antropológico o *acaso* funciona como uma das suas estruturas fundamentais. É o «jogo aleatório das associações» (*op. cit.*, 115) que produz a complexificação psíquica. O programa genético só é funcional na resolução de problemas novos através de tentativas aleatórias, de ensaios casuais. Muitas vezes a invenção é o improvável e o «brain-storming», enquanto estocástica imaginativa, é a base do raciocínio lógico-dedutivo. Do mesmo modo que só as referências externas permitem distinguir a percepção da alucinação, o rigor do conceito só se diferencia da «desordem» da imaginação por controles linguísticos extrínsecos (*cf. op. cit.*).

#### PARA UMA ANÁLISE PSICOLÓGICA DO ACASO

Em termos da análise do comportamento, o *acaso*, pelo seu carácter «paradoxal» e pela sua ainda difícil «dizibilidade», está disperso por vários estudos ainda sem grande unidade conceptual, e reflectindo tendências diversas. O mesmo

se verifica com conceitos inicialmente «marginais» na psicologia, como é o caso do *inconsciente cognitivo* (*cf. Santos, 1988*).

Assim, para Atlan (1975; 1979) na sua teoria sobre a aprendizagem não dirigida, são os estímulos aleatórios que constituem a base da diferenciação do sistema cognitivo e da criação de novos padrões de projecção cognitiva. Bateson (1987) considera, por sua vez, que a aprendizagem assim como a evolução da espécie são os dois grandes processos estocásticos humanos, que em muito se assemelham. Tal facto está patente nas afirmações deste autor:

«Os processos exploratórios — os infundáveis *experimentação* e *erro* do progresso mental — só podem alcançar o *novo* iniciando-se em caminhos aleatoriamente apresentados, alguns dos quais, quando experimentados, são de alguma forma seleccionados em nome da sobrevivência» (*op. cit.*, 162).

Acrescentando este autor mais adiante:

«... o sistema estocástico intracranial de pensamento ou aprendizagem assemelha-se muito de perto a esse componente de evolução em que as alterações genéticas aleatórias são seleccionadas por epigénese» (*op. cit.*, 163).

No campo da psicossociologia, Stoetzel (1983) num inquérito aos valores dos europeus, constatou que a maioria destes representam o futuro colectivo como contingente a factores aleatórios, atribuindo ao destino o controlo das suas vidas.

Em outro nível, Handel (1987) ao analisar autobiografias de adultos encontrou, entre outros factores, um sentimento retrospectivo de indeterminação associado às contingências existenciais. A este respeito, Bandura (1982) refere a importância de encontros casuais na determinação do sentido do percurso existencial de muitos indivíduos. Neste estudo, que vem na sequência de investigações que atribuem relevo especial à influência das descontinuidades existenciais (doenças, acidentes, divórcios, etc.) nos indivíduos (*cf. Hultsch and Plemons, 1979; Brim and Ryff, 1980; Elder, 1981*), o autor faz a seguinte afirmação:

«The unforeseeability and branching power of fortuitous influences make the specific course of lives neither easily predictable nor easily socially engineerable» (Bandura, 1982, 749). Este tipo de considerações aplica-se, em especial, no estudo dos comportamentos não intencionais para os quais têm sido propostos modelos estocásticos (*cf. Bass, 1974*).

Do ponto de vista da estatística, o modelo probabilístico bayesiano (*cf. Edwards, Lindman and Savage, 1963*) apresenta-se como uma interessante reflexão acerca da clássica hipótese nula, ao sugerir que esta se deve entender num contexto de análise da interacção das probabilidades *a posteriori* com as probabilidades *a priori* das hipóteses experimentais (*cf. Gillieron, 1985; Lindgren, 1976*).

No domínio dos processos de tomada de decisão a aleatoriedade e incerteza têm sido, também, estudadas. São exemplo, os trabalhos de Grayson (1960), Raiffa (1968) e de Ginossar e Trope (1987). Destaque-se, ainda neste campo, a sugestão do modelo probabilístico bayesiano, que apontámos atrás, para os pro-

cessos vocacionais (cf. Page, 1974). A consideração do aleatório no projecto acaba por traduzir, nestas situações, um determinado grau de incerteza e indeterminismo, inerentes ao próprio processamento cognitivo da informação, de que a «fuzzy logic» (cf. Van Brusselen, 1987) é uma das expressões.

Quanto a um nível mais clássico da integração do *acaso* na psicologia, refira-se a abordagem de Piaget e Inhelder (1951) em que este é considerado como uma dimensão probabilística da construção da realidade.

Na problemática do *locus de controlo* encontra, ainda, o *acaso* outro campo de abordagem. Integrado na noção de *externalidade* que Rotter (1966; 1982) elaborou no quadro da teoria da Aprendizagem Social, o *acaso* é concebido como um dos factores constituintes da crença na incontrolabilidade causal do comportamento. Levenson (1972) veio a considerar, concretamente, o *acaso* («chance») como uma das dimensões da externalidade (a par com a «powerfull others») na escala IPC que construiu.

#### CONSIDERAÇÕES ADICIONAIS

Como se constatou na sintética enumeração que realizámos, o *acaso* instaura na ciência psicológica uma lógica da *casualidade* mais galileana do que aristotélica (cf. Abreu, 1980; Lewin, 1964), que completa a lógica linear da causalidade. Não obstante a fundamentalidade dos processos de planificação para o desempenho comportamental (cf. Nuttin, 1984), e a sua «desejabilidade social» (cf. Boutinet, 1986), não seria possível conceber a ficção de um mundo sem *acaso*. Na expressão quotidiana — «por acaso!» — condensa-se esta realidade.

Realidade esta do *acaso*, que é uma das dimensões básicas de uma das mais representativas actividades humanas — o *jogo* (cf. Eigen e Winkler, 1989; Hui-zinga, 1951). No jogo «domestica-se» simbolicamente o *acaso* (Eigen e Winkler, 1989). Na interacção entre as regras e os factores aleatórios representa-se o mundo. No jogo projecta-se a complexidade das relações entre o universo da regularidade e da invariabilidade e as particularidades aleatórias, tão apodicticamente presente no comportamento humano. E, é, precisamente, no jogo que a criança encontra uma das suas vias preferenciais de desenvolvimento (cf. Doron, 1972). Pelo prazer do exercício das casualidades descobre a criança o *prazer da causalidade* (Nuttin, 1984) e a intencionalidade, demonstrando-se, assim, a complementaridade vital dos dois aspectos.

Testemunho adicional da importância do jogo, e do *acaso*, enquanto «impulso» fundamental do comportamento humano, é a sua eventualidade patogénica, contemplada pelo quadro do «jogo patológico» que se evidencia na DSM-III (1980).

Uma outra evidência da importância do *acaso* no comportamento humano é a leitura que a psicanálise faz dos conceitos e das vivências de *sorte* e *azar*. Referidos como elementos da psicopatologia da vida quotidiana (Freud, 1948), vieram

mais tarde a serem distinguidos na análise da fatalidade como aspectos das neuroses de destino (Freud, 1951). O *acaso* entra, assim, também, no domínio da «loucura», como uma qualquer outra «desrazão» que a psicanálise na continuidade da psiquiatria do século XIX veio isolando (cf. Foucault, 1961). Na análise que fazem das «máquinas desejanças», Deleuze e Guattari (1972), neste ensaio crítico da psicanálise, referem-se às relações aleatórias intrínsecas que as caracterizam como «loucura» criativa, ilustrando, deste modo, a importância invertida que a literatura psicanalítica lhe atribui, em função do seu enquadramento ideológico e social.

Em sentido contrário, as teorias cognitivo-motivacionais do comportamento, nomeadamente, a teoria do «desânimo aprendido» de Seligman (1975), revista por Abramson *et al.* (1978), conceptualizam os factores de atribuição causal aleatória da conduta (conforme o desenvolvimento da teoria inicial de Rotter) não como aspectos designados por «demoníacos» (cf. Freud, 1951; Laplanche et Pontalis, 1967), mas como aspectos psicossocialmente enraizados e, simultaneamente, não considerados *a priori* como necessariamente negativos.

#### PROSPECTIVA CRÍTICA

Como últimas considerações, gostaríamos de referir que, mesmo que se possibilitasse determinar normativamente as leis que regulam o *acaso*, como idealmente postula Popper (1974), outra realidade será o exercício de um poder transcendente que o domine. Em especial, nos campos onde ele surge como abrupto e disruptivo, como é o caso da morte. Entendida como acumular de *acaso*-erros sistémicos no caso da morte biológica (cf. Morin, 1970) ou, como «acidente», neste fenómeno se projecta a última face do *acaso*, tão contraditória das suas dimensões mais «poiéticas».

No entanto, e apesar desta realidade, não deixa de ser extremamente importante a exploração da ideia de que a «desordem» do *acaso* é, apenas, uma «ordem complexa». Partilhando dos postulados interaccionistas de uma visão não linear da realidade, alguns investigadores têm-se orientado no sentido de uma análise psicológica descodificadora dos princípios estruturais do que designam por *caos*. É exemplo o trabalho de Gleick (1987) aplicado à perspectiva da «lifespan developmental psychology», de que destacamos a questão do carácter «catastrófico» do desenvolvimento humano (cf. Freedle, 1977). Constitui, também, exemplo o trabalho de Kuhl (1986) sobre o «caos motivacional», relativamente ao qual este autor propõe um modelo «simples» (formalizado matematicamente) de *interdependência* e *reflexividade*, que funciona como um esquema recursivo na compreensão do comportamento humano, nomeadamente, na análise das variações bruscas e inesperadas do motivo de realização e do nível de aspiração.

Em síntese, e numa perspectiva crítica, podemos concluir que o *acaso*, dentro de uma taxonomia experimental, se oferece como uma potencial variável, ora independente, ora dependente, para a análise psicológica. Desde que, em nossa opinião, não nos mistifiquemos na sua «magia» quântica e se avance numa análise científica, embora prevenida quanto a absolutismos, mais ou menos, newtonianos. É este o balanço provisório das tendências na análise psicológica do *acaso* que brevemente procurámos ilustrar.

142

## RÉSUMÉ

SANTOS, E. J. (1989) *L'Analyse Psychologique du Hasard*. *Psychologica*, 2, 137-144.

Le hasard apparait comme une nouvelle classe épistémologique. Certaines théories actuelles sur le développement de la vie considèrent que les processus aléatoires sont une de leurs conditions nécessaires. En ce qui concerne le comportement humain, le hasard apparait, aussi, à plusieurs niveaux comme un complément de l'analyse psychologique. Quoique non systematisé de façon cohérent du point de vue conceptuel, le hasard s'avère, cependant, un potentiel domaine de recherche.

MOTS-CLEF: Hasard/Chaos — Auto-organization — Complexité — Jeu — Causalité psychologique vs. Casualité psychologique

## ABSTRACT

SANTOS, E. J. (1989) *The Psychological Analysis of Chance*. *Psychologica*, 2, 137-144.

Chance is emerging as a new epistemological category. Some of the present theories about the development of life state that the aleatory processes are one of their necessary conditions. In what concerns human behavior, chance has, also, revealed itself at different levels as a complement to the psychological analysis. Although it has not been coherently systematized as a concept, chance is, however, a potential field for research.

KEY-WORDS: Chance/Chaos — Self-Organization — Complexity — Game — Psychological causality vs. Psychological casuality

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMSON, L. Y.; SELIGMAN, M.E.P. and TEASDALE, J. (1978) Learned helplessness in humans: Critique and reformulation. *Journal of Abnormal Psychology*, 87, 49-74.
- ABREU, M.V. (1980) Desenvolvimento da personalidade e da motivação. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XIV, 159-193.
- American Psychiatric Association (1980) *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-III)*. Washington, D.C..
- ATLAN, H. (1975) Le principe d'ordre à partir de bruit. L'apprentissage non dirigé et le rêve. In E. Morin et M. Piattelli-Palmarini (Eds.) *L'Unité de l'Homme*. Paris, Éditions du Seuil.
- ATLAN, H. (1979) *Entre le cristal et la fumée*. Paris, Éditions du Seuil.
- BANDURA, A. (1982) The Psychology of Chance Encounters and Life Paths. *American Psychologist*, 37, 747-755.
- BASS, F.M. (1974) The theory of stochastic preferences and brand switching. *Journal of Marketing Research*, II, 1-20.
- BATESON, G. (1987) *Natureza e Espírito*. Lisboa, Publicações D. Quixote.
- BOUTINET, J.P. (1986) Le concept de projet et ses niveaux d'appréhension. *Éducation permanente*, 86, 5-26.
- BRIM, O.G. Jr. and RYFF, C.D. (1980) On the properties of life events. In P.B. Baltes and O.G. Brim, Jr. (Eds.) *Life-span development and behavior* (vol. 3). New York, Academic Press.
- DELEUZE, G. et GUATTARI, F. (1972) *Anti-Oedipe*. Paris, Éditions de Minuit.
- DE ROSNAY, J. (1975) *Le macroscopie. Vers une vision globale*. Paris, Éditions du Seuil.
- DORON, R. (1972) Le jeu chez l'enfant. In H. Gratiot-Alphandéry et R. Zazzo (Dir.) *Traité de Psychologie de l'Enfant*, 3, Paris, Presses Universitaires de France.
- EDWARDS, W., LINDMAN, H. and SAVAGE, L.J. (1963) Bayesian statistical inference for psychological research. *Psychological Review*, 70, 193-242.
- EIGEN, M. e WINKLER, R. (1989) *O jogo — as leis naturais que regulam o acaso*. Lisboa, Gradiva.
- ELDER, G.H. Jr. (1981) History and the life course. In D. Bertaux (Ed.) *Biography and society: The life history approach in the social sciences*. Beverly Hills, California, Sage.
- FOUCAULT, M. (1961) *Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris, Plon.
- FREEDLE, R. (1977) Psychology, thomian topologies, deviant logics and human development. In N. Datan and H. Reese (Eds.) *Lifespan developmental psychology: Dialectical perspectives on experimental research*. New York, Academic Press.
- FREUD, S. (1948) *Psychopathologie de la vie quotidienne*. Paris, Payot.
- FREUD, S. (1951) *Essais de psychanalyse*. Paris, Payot.
- GILLIÉRON, C. (1985) *La construction du réel chez le psychologue: Epistémologie et méthodes en sciences humaines*. Berne, Peter Lang.
- GINOSSAR, Z. and TROPE, Y. (1987) Problem Solving in Judgement Under Uncertainty. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 464-474.
- GLEICK, J. (1987) *Chaos: Making a New Science*. New York, Viking Penguin.
- GRAYSON, C.J. (1960) *Decisions under uncertainty: Drilling decisions by oil and gas operators*. Boston, Harvard Business School.
- HANDEL, A. (1987) Personal Theories about the Life-Span Development of One's Self in Autobiographical Self-Presentation of Adults. *Human Development*, 30, 83-98.
- HEISENBERG, W. (1971) *Physics and Beyond*. London, Allen and Unwin.
- HUIZINGA, J. (1951) *Homo ludens*. Paris, Gallimard.
- HULTSCH, D.F. and PLEMONS, J.K. (1979) Life events and life-span development. In P.B. Baltes and O.G. Brim, Jr. (Eds.) *Life-span development and behavior* (vol. 2). New York, Academic Press.
- JORGE, M.M.A. (1984) O objecto apesar do sujeito. In E. Morin et al. *O problema epistemológico da complexidade*. Mem Martins, Publicações Europa-América.
- KUHL, J. (1986) Motivational Chaos: A Simple Model. In D.R. Brown and J. Veroff (Eds.) *Frontiers of Motivational Psychology*. New York, Springer-Verlag.
- LAPLANCHE, J. et PONTALIS, J.-B. (1967) *Vocabulaire de la psychanalyse* Paris, Presses Universitaires de France.
- LEVENSON, H. (1972) Distinctions within the concept of internal-external locus of control: development of a new scale. *Proceedings of the 80th Annual Convention of the A.P.A.*, 261-262.
- LEWIN, K. (1964) *La Psychologie dynamique. Les relations humaines*. Paris, Presses Universitaires de France.

143

- LINDGREN, B.W. (1976) *Statistical Theory*. New York, Collier Macmillan International Editions.
- MATURANA, H.R. and VARELA, J.F. (1975) *Autopoietic Systems*. Urbana, Biological Computer Laboratory University of Illinois.
- MORIN, E. (1970) *L'Homme et la Mort*. Paris, Éditions du Seuil.
- MORIN, E. (1984) *O paradigma perdido: a natureza humana*. Mem Martins, Publicações Europa-América.
- NUTTIN, J. (1984) *Motivation, planning, and action: a relational theory of behavior dynamics*. Leuven & Hillsdale, N.J., Leuven University Press & Erlbaum.
- PAGE, E.B. (1974) Problems and Perspectives in Measuring Vocational Maturity. In D. Super et al. *Measuring Vocational Maturity for Counselling and Evaluation*. Washington, National Vocational Guidance Association.
- PIAGET, J. et INHELDER, B. (1951) *La genèse de l'idée de hasard chez l'enfant*. Paris, Presses Universitaires de France.
- PLATÃO, A República (trad. PEREIRA, M.H.), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- POPPER, K. (1974) *The logic of scientific discovery*. London, Hutchinson.
- PRIGOGINE, I. (1980) *From Being to Becoming*. S.Francisco, Freeman.
- RAIFFA, H. (1968) *Decision analysis: Introductory lectures on choice under uncertainty*. Reading, Massachusetts, Addison-Wesley.
- ROTTER, J.B. (1966) Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcement. *Psychological Monographs*, 80, 1-28.
- ROTTER, J.B. (1982) *The Development and Applications of Social Learning Theory*. New York, Praeger Publishers.
- SANTOS, E. (1988) Processos cognitivos inconscientes: algumas ideias e factos. *Psychologica*, 1, 155-163.
- SELIGMAN, M.E.P. (1975) *Helplessness: On depression, development and death*. San Francisco, Freeman.
- STOETZEL, J. (1983) *Les Valeurs du Temps Présent: une enquête européenne*. Paris, Presses Universitaires de France.
- VIDAL, A. (1978) *Introduction à une science du réel indéterminée*. Paris, Presses Universitaires de France.
- VAN BRUSSELEN, H. (1987) Psychological plausibility of fuzzy set theory. In G. d'Ydewalle et al. I.W.O.N.L. SPILPROGRAMMA *Artificiële intelligentie*. Psychological Reports, Laboratory of Experimental Psychology, University of Leuven.
- VON FOERSTER, H. (1960) On self-organizing systems and their environments. In Yowitz and Cameron (Eds.) *Self-Organizing Systems*. New York, Pergamon Press.
- VON FOERSTER, H. and ZOFT, G.W. (1962) *Principles of Self-Organization*. New York, Pergamon Press.